

István Mészáros, produção destrutiva e Estado capitalista: notas sobre o conceito de crise estrutural do capital, artigo-homenagem¹

Demétrio Cherobini²

RESUMO: A teoria da *crise estrutural do capital*, de István Mészáros, tem despertado polêmica entre os estudiosos marxistas por se contrapor a algumas leituras consolidadas no interior dessa destacada tradição intelectual. Observamos que algumas imprecisões em relação à avaliação da formulação mézárariana têm levado ao truncamento do debate, o que implica em barreiras consideráveis para que a polêmica se torne frutífera e concorra positivamente para o avanço dos esforços políticos daqueles que, na atualidade, se situam do lado proletário da luta de classes. Acreditamos que uma leitura atenta do ensaio *Produção destrutiva e Estado capitalista* ajuda a dirimir boa parte dessas imprecisões, objetivo deste artigo.

Palavra-chave: Mészáros. Produção Destrutiva. Estado Capitalista.

A vozes vãs, ouvido escasso.

(Dante Alighieri)

A teoria da *crise estrutural do capital*, de István Mészáros, tem despertado polêmica entre os estudiosos marxistas por se contrapor a algumas leituras consolidadas no interior dessa destacada tradição intelectual. Até aí, nenhum problema, visto que o confronto franco e aberto de ideias fecunda a discussão e estimula a produção do conhecimento, condição imprescindível para a efetivação plena e consequente daquilo que Marx chamou de *emancipação humana*. No entanto, observamos que algumas

¹ Nota dos editores: Este artigo faz parte da homenagem que a Revista *Novos Rumos* presta ao passamento do filósofo húngaro, István Lukács, ocorrido neste segundo semestre de 2017.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

imprecisões em relação à avaliação da formulação mézáríana têm levado ao truncamento do debate, o que implica em barreiras consideráveis para que a polêmica se torne frutífera e concorra positivamente para o avanço dos esforços políticos daqueles que, na atualidade, se situam do lado proletário da luta de classes. Nesse sentido, acreditamos que uma leitura atenta do ensaio *Produção destrutiva e Estado capitalista* ajuda a dirimir boa parte dessas imprecisões.

O referido ensaio, aparecido no Brasil em 1989, analisa temas fundamentais, mais tarde amplamente desenvolvidos no principal livro de Mészáros, *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*, de 1995. Não por acaso, as reflexões contidas em *Produção destrutiva e Estado capitalista* foram diluídas no interior dessa obra maior e, por tal razão, revelam, sob a luz privilegiada do presente, elementos importantes do amadurecer da elaboração do filósofo a respeito do sistema do capital e sua crise.

Qual o *x* da questão? Em nossa opinião, há duas posições problemáticas. De um lado estão os leitores que acreditam que a teoria da crise estrutural designaria uma época histórica, iniciada em torno de 1970, a partir da qual o *desenvolvimento das forças produtivas* se mostraria difícil, ou até mesmo impossível. De outro lado aparecem os críticos segundo os quais a referida teoria seria incapaz de apreender a verdadeira dinâmica do capital, o que redundaria numa clara *negação* das célebres *crises cíclicas*, analisadas por Marx em sua obra de maturidade. Para nós, nenhuma dessas leituras se sustenta, como procuraremos demonstrar, sinteticamente, com base na argumentação apresentada em *Produção destrutiva e Estado capitalista*.

A premissa de que Mészáros aí parte é a da relação dialética existente entre produção e consumo no sistema do capital. Haveria, segundo o filósofo, uma determinação recíproca, envolvendo inúmeras mediações, atuando em ambos os polos dessa relação, sendo que o *momento predominante* caberia ao da *produção* (ou melhor, da *reprodução*) do capital³. Nesse contexto, é possível perceber que a assim chamada

³ Com efeito, nos *Grundrisse* Marx afirma, a esse respeito, que: “O consumo produz a produção duplamente: 1) na medida em que apenas no consumo o produto devém efetivamente produto. Uma roupa, por exemplo, somente devém roupa efetiva no ato de ser trajada; uma casa que não é habitada não é de fato uma casa efetiva [...]. 2) na medida em que o consumo cria a necessidade de *nova produção*, é assim o fundamento ideal internamente impulsor da produção, que é o seu pressuposto. O consumo cria o estímulo da produção; cria também o objeto que funciona na produção como determinante da finalidade. [...] A isso corresponde, do lado da produção, que ela 1) fornece ao consumo o material, o objeto. Um consumo sem objeto não é consumo; portanto, sob esse aspecto, a produção cria o consumo. 2) Mas não é somente o objeto que a produção cria para o consumo. Ela também dá ao consumo sua determinabilidade, seu caráter, seu fim. Assim como o consumo deu ao produto seu fim como produto, a produção dá o fim ao consumo. [...] Não é somente o objeto do consumo que é produzido pela produção, mas também o modo de consumo,

crise estrutural atual tem a ver com aquilo que Meszáros denomina de *produção destrutiva* - ou como J. Chasin (prefaciador do ensaio) diz: a “*produção da destruição*” - , que responde por uma conformação específica do movimento dialético que percorre produção e consumo. A produção destrutiva seria um meio desenvolvido pelo próprio capital para lidar com as contradições inerentes ao processo de *superprodução* (ou a *superprodução crônica*, como o pensador húngaro a nomeia em algum ponto de seu texto).

Para delinear tais ideias, Mészáros lança mão de uma categoria que precisa ser entendida no contexto da sua argumentação, articulada com suas premissas e com as demais formulações aí desenvolvidas: a *taxa de uso decrescente*, que diz respeito, entre outras coisas, à quantidade proporcional de tempo alocado na produção de bens relativamente duráveis e de bens de consumo rápido. A taxa de uso decrescente, ou melhor, *a forma como o capital manipula a taxa de uso decrescente* – e ressaltemos que Mészáros compreende essa taxa como um fruto do próprio desenvolvimento da força produtiva do trabalho -, é fundamental para a definição da presente *crise estrutural*.

não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores. 3) A produção não apenas fornece à necessidade um material, mas também uma necessidade ao material. [...] O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza. A produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. Logo, a produção produz o consumo, na medida em que 1) cria o material para o consumo; 2) determina o modo do consumo; 3) gera como necessidade no consumidor os produtos por ela própria postos primeiramente como objetos. Produz, assim, o objeto do consumo, o modo do consumo e o impulso do consumo. Da mesma forma, o consumo produz a *disposição* do produtor, na medida em que o solicita como necessidade que determina a finalidade” (2011, p. 46-7). E, mais adiante, inserindo novas mediações (distribuição, troca) ao circuito dialético produção-consumo, Marx esclarece, sobre o *momento predominante* dessa dinâmica: “O resultado a que chegamos não é que produção, distribuição, troca e consumo são idênticos, mas que todos eles são membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade. *A produção estende-se tanto para além de si mesma na determinação antitética da produção, como sobrepõe-se sobre os outros momentos. É a partir dela que o processo sempre recomeça* [grifo nosso, DC]. É autoevidente que a troca e o consumo não podem ser predominantes. Da mesma forma que a distribuição como distribuição de produtos. No entanto, como distribuição dos agentes da produção, ela própria é um momento da produção. Uma produção determinada, portanto, determina um consumo, uma troca e uma distribuição determinados, bem como *relações determinadas desses diferentes momentos entre si*. A produção, por sua vez, certamente é também determinada, *em sua forma unilateral*, pelos outros momentos. P. ex., quando o mercado se expande, *i.e.*, a esfera da troca, a produção cresce em extensão e subdivide-se mais profundamente. Com mudança na distribuição, modifica-se a produção; p. ex., com a concentração do capital, com diferente distribuição da população entre cidade e campo etc. Finalmente, as necessidades de consumo determinam a produção. Há uma interação entre os diferentes momentos. Esse é o caso em qualquer todo orgânico” (Ibid., p. 53). Em seu estudo sobre os Grundrisse, Enrique Dussel comenta que, para Marx, “a produção cria o ‘objeto’ do consumo, o ‘modo de consumo’ e o ‘impulso’ (*Trieb*) [...] Contudo, [...] o consumo também cria a produção: [...] O consumo, como ato mesmo pelo qual se usa ou destrói o objeto (por ingestão, p. ex.), é gozo, satisfação. Enquanto tal, é criação da necessidade – tendência, impulso a gozar novamente *outro objeto*. Deste modo, o consumo determina – ideal, representativa ou *tendencialmente* – a produção” (2012, p. 41-2).

A taxa de uso decrescente, no interior dessa crise estrutural, não tem a ver exatamente com um “não uso” (embora isso possa ocorrer) da produção social, mas com algo mais específico: um *uso dissipador* (ou *destrutivo*) da mesma. Isso incide não só sobre os bens de consumo rápido ou os bens relativamente duráveis, mas em todas as relações sociais que formam o circuito incessante da auto-reprodução do capital.

Mészáros explica que, para esse sistema, é indiferente se os sujeitos utilizam muito ou pouco, ou mesmo se utilizam, as mercadorias que são trazidas à luz no processo produtivo e vendidas na sequência. No entanto, a *linha de menor resistência* que o capital acabará adotando se definirá pela implementação do uso dissipador, visto que tal forma, nas condições atuais, é a que revela ser a mais adequada ao seu processo de reprodução sociometabólica⁴. (Observamos, assim, que, de acordo com o filósofo húngaro, o processo de produção e reprodução do capital cria, em cada momento histórico, um tipo específico de uso, adaptado às suas necessidades).

Na atual época, tal processo se corporifica na *combinação de superprodução e subutilização de capital*, mas, sublinhamos, superprodução e subutilização *no sentido dissipador*, isto é, *destrutivo*, como mencionamos acima. Isso se verifica, articuladamente, nas mais variadas esferas do sistema, criando, entre outras coisas, força de trabalho supérflua, sucateamento de meios de produção, obsolescência planejada e o surgimento do *complexo militar-industrial*, o elemento mais importante para a apreensão da teoria da atual crise estrutural. De acordo com Mészáros, no contexto dessa crise, o complexo militar-industrial se estabelece como centro que organiza a dinâmica sociometabólica do capital.

O complexo militar-industrial, numa forma institucionalizada, é eficaz em resolver o problema do imperativo radical de *dissipação em larga escala* de “bens perfeitamente usáveis”, assim como do próprio capital. O sistema efetua, desse modo, uma “estratégia de realização” que não depende da demanda flutuante do mercado e não se atrela às limitações do valor de uso assentado sobre alguma necessidade que se possa

⁴ Em *Para além do capital*, o conceito de *linha de menor resistência* é explicado pelo filósofo húngaro da seguinte maneira: se o capital, em seu processo auto-reprodutivo, “encontrar um *equivalente funcional* capitalisticamente mais viável ou fácil a uma linha de ação que suas próprias determinações materiais de outro modo predicariam (‘de outro modo’ significando a expansão da produção correspondendo ao desenvolvimento da ‘rica necessidade humana’, como descrita por Marx), o capital deve optar por aquela que esteja mais obviamente de acordo com sua configuração estrutural global, mantendo o controle que já exerce, em vez de perseguir alguma estratégia alternativa que necessitaria o abandono de práticas bem estabelecidas” (2002, p. 680).

considerar como verdadeiramente humana. Daí Mészáros afirmar: “o objetivo e o princípio orientador da produção vem a ser: como assegurar a *máxima* expansão possível (e a correspondente lucratividade) na base de uma taxa de uso *mínima*, que mantenha a *continuidade* da reprodução ampliada?” (1989, p. 72) - frisemos, aqui, os seguintes termos: *produção, expansão, lucratividade e reprodução ampliada*: em nossa opinião, é essa a passagem que melhor permite descartar a interpretação de que a teoria da *crise estrutural* se definiria pela dificuldade ou ausência de desenvolvimento das forças produtivas.

Sob tais condições, diz o filósofo húngaro, verifica-se a “transformação radical da *produção genuinamente orientada para o consumo em destruição*”. Realiza-se, conseqüentemente, de maneira generalizada, um “crescimento cancerígeno”, uma “produção-dissipadora”, que adota uma forma extremada de desperdício, “isto é, a destruição direta de vastas quantidades de riqueza acumulada e de recursos elaborados como meio dominante de ordenação do capital superproduzido” (Ibid., p. 60). Nesse contexto, consumo e destruição se tornam equivalentes funcionais. O capital se “realiza” não no mero ato de venda, mas na própria *destruição*.

Mészáros retoma, aqui, a reflexão estabelecida anteriormente por Rosa Luxemburgo sobre a *produção-militarista*, mas diz que o que se verifica hoje é algo mais ricamente determinado, justamente o *complexo* militar-industrial, cuja complexidade é dada pela relação íntima e visceral que tal sistema mantém com o *Estado* capitalista. Nesse sentido, o filósofo ressalta que, depois do segundo pós-guerra, as transformações das estruturas produtivas, realinhadas paralelamente com o Estado, fizeram com que “a própria Nação” corporificasse em si uma fusão de produtor/comprador/consumidor, política e ideologicamente legitimada, adequada às necessidades expansivas do sociometabolismo do capital.

Nesse contexto, a posição e as ações econômicas e políticas dos EUA desempenham um papel-chave para a definição da *crise estrutural* atual, na medida em que esse país se constituiu, em razão das circunstâncias históricas, como o *centro do sistema mundial do capital*. Segundo Mészáros, apesar de o complexo militar-industrial já ser algo em progressão no início do século XX, a sua adoção geral só aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial, sendo os EUA o lócus onde esse sistema exerce, desde

então, a posição dominante⁵. É aí que se situa a etapa mais desenvolvida do fenômeno em questão, a materialização consumada da fusão entre a dinâmica produtivo-destrutiva do capital e a Nação produtora/compradora/consumidora do complexo militar-industrial, fato que, por certo, desencadeia consequências graves para todo o planeta.

Cabe, agora, a pergunta: o quadro de crise estrutural atual elimina a teoria das crises cíclicas? De forma alguma, e aqui chegamos ao ponto, talvez, mais importante da reflexão de Mészáros em seu ensaio: aquilo que o autor chama de *continuum depressivo*, que nada tem a ver com o estancamento ou a não retomada da superprodução de capital, nem com o não desenvolvimento das forças produtivas, e sim com a combinação de *administração das crises e auto-reprodução destrutiva do capital*, no sentido que acima expusemos. Mészáros diz que, no contexto da auto-reprodução destrutiva do capital, as crises não são eliminadas, mas “administradas” e “estendidas”, “tanto no sentido *temporal*, como no que diz respeito à sua localização estrutural no conjunto global” (1989, p. 97). E complementa afirmando que, enquanto o capital e seu Estado tiverem sucesso na imposição de seus interesses, a tendência é de que “não haverá grandes tempestades [isto é, como a crise de 1929] a intervalos razoavelmente distantes, mas precipitações

⁵ Em um estudo recente sobre a política externa norte-americana no contexto do segundo pós-guerra, Perry Anderson revela, entre outras coisas importantes nesse sentido, a formação de “mais de setecentas bases estadunidenses no mundo” que possibilita ao país “policar o mundo” com a ajuda de instituições como a CIA, “cujo tamanho permanece um segredo, embora tenha crescido exponencialmente desde que foi fundada, em 1949, e cujo orçamento aumentou mais de dez vezes desde os dias de Kennedy – 4 bilhões de dólares em 1963, 44 bilhões em 2005, em valores constantes [e que, DC] é na prática um exército particular à disposição do presidente” (2015, p. 130-1). O historiador inglês ainda assinala características fundamentais daquilo que chama de “império global” dos EUA: “Forças Especiais em mais de cem países ao redor do mundo; orçamento militar maior que o de todas as outras grandes potências combinadas; aparatos tentaculares de infiltração, espionagem e vigilância; pessoal de seguranças nacionais ramificado; e, por último, mas não menos importante, um *establishment* intelectual dedicado a revisão, refino, ampliação e atualização das tarefas da grande estratégia, de uma qualidade e produtividade maiores do que as de qualquer contraparte preocupada com assuntos domésticos – como poderia se esperar que tudo isso encolhesse mais uma vez às máximas magras de 1945? A Guerra Fria havia terminado, mas o dia de um gendarme nunca termina. Seguiram-se mais expedições do que nunca; mais armas avançadas foram lançadas; mais bases foram adicionadas à cadeia destas; mais doutrinas de intervenção de longo alcance foram desenvolvidas” (Ibid., p. 134). Ao fim de seu estudo, Anderson sintetiza suas ideias, apresentando algumas cifras que envolvem o complexo-militar desenvolvido pelos EUA: “Para Washington, em longo prazo, os dois teatros de operações onde os interesses mais profundos e abrangentes estão em jogo são mais importantes do que essas escaramuças às margens da União Europeia. O primeiro deles é o *econômico* [grifo nosso, DC]. Para o capitalismo global como um todo, ainda não há saída à vista da lógica do excesso de capacidade produtiva em relação à fraca demanda dependente de endividamento. Mas, dentro desse sistema, o complexo Tesouro-Wall Street continua a controlar as alavancas diplomáticas e monetárias. [...] O segundo teatro de operações é *militar* [grifo nosso, DC]. Neste, largamente despercebidos, com uma melhoria dramática na variedade e precisão do seu arsenal nuclear, os Estados Unidos recuperam a superioridade estratégica absoluta em armas de destruição em massa de que desfrutaram por um período após a Segunda Guerra Mundial. Em uma nova iniciativa representativa, Obama lançou uma ‘onda de âmbito nacional de revitalização atômica que inclui planos para uma nova geração de portadores de armas nucleares’, a um *custo estimado em até um trilhão de dólares* [grifo nosso, DC]” (Ibid., p. 219-20).

[isto é, crises cíclicas e periódicas] de frequência e intensidade crescentes por todo lugar” (Ibid., p. 98).

Portanto, podemos verificar que o conceito da presente crise estrutural não só *não elimina* o conceito de crise cíclica, como *o engloba*⁶. Com efeito, Mészáros afirmou, mais tarde, quando da ocasião da crise econômica de 2008, o seguinte: “Não me entendam mal quando digo que não temos uma crise capitalista habitual, porque capitalismo e crise são sinônimos. Marx disse isso muitas vezes. Mas ele estava a falar acerca de crises cíclicas. O capitalismo tem crises regularmente. Marx utilizou mesmo a expressão: estas crises descarregam-se numa tempestade. Então estamos de volta ao normal, por assim dizer. Um bocado de capital excedente é destruído, e pode-se começar todo o jogo outra vez, até que se atinja um ponto de super-acumulação, e então uma nova descarga torna-se necessária. É isto que temos estado a viver. *Agora, o nosso grande privilégio, se se quiser, é que temos ambas. Temos tanto a crise cíclica, como esta profunda e sempre em aprofundamento crise estrutural de todo o sistema, o sistema total do capital* [grifo nosso, DC]” (2008).

Vemos, assim, de modo conclusivo, que Mészáros não está negando a teoria das crises cíclicas (com sua correspondente “destruição produtiva”), mas integrando-o dialeticamente à teoria da crise estrutural atual (e a sua consequente *produção destrutiva*). Atentemos, apenas, para a grande novidade da coisa: enquanto que nas crises cíclicas, materializadas no ponto mais alto da superprodução de capital, a *destruição* se manifestava como meio para a renovação e retomada de todo o processo, no contexto da crise estrutural (que não elimina, como mostramos, as crises cíclicas, mas que se serve delas), sob o domínio da *produção destrutiva* e a afirmação radical do complexo militar-industrial, a *destruição* não representa a “saída” da crise, mas a própria locomotiva devastadora e impiedosa da dinâmica de reprodução sociometabólica do capital.

Com tal formulação, acreditamos que o filósofo húngaro se inscreve no que há de melhor da tradição revolucionária marxista, aquela que se empenha em *criar novos conceitos e categorias*, com o objetivo de apreender a realidade concreta para enfrentá-la e superá-la. A *criação de novos conceitos e categorias* (e não somente a repetição dos antigos), para fins práticos de transformação do mundo, foi algo primado por Marx, e não

⁶ Portanto, engloba o conceito de *valorização do valor*, definido por Marx (2013), com as suas respectivas premissas e desdobramentos teóricos.

faria sentido imaginar que o filósofo de Trier pretendesse que não adotássemos a mesma prática e a mesma postura intelectual e política para o enfrentamento da ordem do capital.

Referências:

ANDERSON, Perry. *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015.

CHASIN, J. *Manifesto editorial V*. Em MÉSZÁROS, István. *Produção destrutiva e Estado capitalista*. São Paulo: Ensaio, 1989.

DUSSEL, Enrique. *A produção teórica de Marx: um comentário aos Grundrisse*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. *Produção destrutiva e Estado capitalista*. São Paulo: Ensaio, 1989).

MÉSZÁROS, István, *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. *Crise dual*. 2008. Em http://resistir.info/meszaros/dual_crisis.html. Acesso em 13/07/2015.

RECEBIDO EM 17-04-2017

APROVADO EM 09-10-2017